



Análise comparativa entre padres velhos e padres novos: possível contribuição da TL e da RCC na formação do clero

Comparative analysis between old and new priests: possible contribution of TL and CCR in clergy formation

João Victor Martins Toledo Guidotti¹

Resumo: Este artigo pretende analisar comparativamente os discursos de duas gerações de sacerdotes no Brasil contemporâneo, os chamados 'padres velhos' e 'padres novos'. Baseado em estudos acerca da realidade dos novos padres do Brasil (Brighentti, 2021), inserimos a categoria de 'padres velhos', com o objetivo de promover uma análise hermenêutica de suspeita do debate político por agentes católicos. O primeiro grupo, dos chamados padres velhos, está ligado a adoção de perspectivas teológicas ligadas ao desenvolvimento social e defesa dos oprimidos (da Teologia da Libertação – TL), revelando uma aproximação com o progressismo político. O segundo grupo, por sua vez, tem recebido destaque midiático diante de seu alinhamento com discursos conservadores morais e políticos, muitas vezes influenciados pelas igrejas evangélicas e pela Renovação Carismática Católica (RCC). Apoiado em uma análise crítica dos discursos expostos, este artigo explora de que forma as correntes históricas e teológicas moldam a hermenêutica da religião, bem como a influência diante da concepção popular do catolicismo.

Palavras-chave: Padres. Discurso. Hermenêutica. Política.

Abstract: This article aims to comparatively analyze the discourses of two generations of priests in contemporary Brazil, the called 'old priests' and 'new priests'. Based on studies about the reality of new priests in Brazil (Brighentti, 2021), we have inserted the category of 'old priests', with the aim of promoting a hermeneutic analysis of suspicion of the political debate by catholic agents. The first group, called old priests, is linked to the adoption of theological perspectives linked to social development and the defense of the oppressed (Liberation Theology - TL), revealing a rapprochement with political progressivism. The second group, on the other hand, has received media attention for its alignment with conservative moral and political discourses, often influenced by evangelical churches and the Catholic Charismatic Renewal (CCR). Based on a critical analysis of the discourses exposed, this article explores how historical and theological currents shape the hermeneutics of religion, as well as the influence on the popular conception of catholicism.

Keywords: Priests. Discourse. Hermeneutics. Politics.

Introdução

Não nos iludamos: a história não segue em movimento linear. Por vezes, retrocede (...)
(Betto, 2016).

¹ Mestrando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (PPGS – UFSCar). Membro do NEREP – Núcleo de Estudos de religião, economia e política, da UFSCar. Bolsista CAPES. Email: joaotoledo25@yahoo.com.br

Os últimos 50 anos do catolicismo no Brasil foram marcados por profundas transformações, responsáveis por mudanças e impactos tanto nas práticas internas da Igreja quanto em sua inserção no debate político e social. O país se adiantou numa calorosa e rápida recepção do Concílio Vaticano II (1962-1965), cujos ideais marcaram uma abertura significativa da Igreja frente a questões do mundo contemporâneo. Esses ideais inspiraram a movimentação eclesial em favor dos pobres na América Latina e uma modernização dos costumes, o que favoreceu o pleno desenvolvimento da Teologia da Libertação (TL). Essa nova configuração teológica emergiu como uma força de protesto e fraternidade frente aos movimentos sociais e populares. Tendo seu auge na década de 1980, esse movimento concretizou a associação e inserção de sacerdotes católicos no engajamento político, a partir da associação da doutrina à crítica da opressão. A partir do Pacto das Catacumbas (1965) entre clérigos progressistas, realizado em Roma durante o Concílio Vaticano II, uma expressiva onda influenciada pela Teologia da Libertação avançou no catolicismo ocidental, mas de modo particular, na América Latina. Assinado nos últimos dias do Concílio Vaticano II, o Pacto das Catacumbas marcou o compromisso significativo de um grupo de bispos progressistas com a construção de uma igreja que optou pelos pobres. Segundo um bispo brasileiro, “O Vaticano II faz-nos passar de uma Igreja-poder para uma Igreja pobre, despojada, peregrina” (Lorscheider *apud* Portal das CEBs, 2020).

Entretanto, a partir da década de 1990, o cristianismo da libertação no Brasil começou a enfrentar um significativo refluxo, um fenômeno que pode ser atribuído a uma confluência de fatores internos e externos que remodelaram o cenário religioso e sociopolítico do país. A restauração conservadora conduzida pelo papa João Paulo II na nomeação de bispos conservadores e punição de teólogos da libertação (principalmente Leonardo Boff) e o crescimento evangélico-pentecostal seguido pelo fortalecimento do catolicismo carismático constituíram importantes pilares desse processo, somados a reabertura democrática, que tirou da Igreja Católica o protagonismo de abrigar militantes, cedendo espaço para organizações não-governamentais e partidos políticos (Prandi; Souza, 1996). Estes novos paradigmas enfraqueceram muitas das bases sociais que sustentavam a TL, ao desarticular movimentos sociais e comunidades que eram essenciais para a sua propagação e desenvolvimento.

É nesse cenário que se destacam movimentos antiprogressistas dentro e fora da Igreja Católica. No âmbito interno, a emergência da conversão às igrejas evangélicas e do retorno à doutrina propiciou o desenvolvimento da Renovação Carismática Católica (RCC), movimento que, ao enfatizar uma espiritualidade individualista e conservadora, atraiu uma nova geração de padres, menos interessados nas questões políticas e mais focados na evangelização pessoal e na moralidade cristã tradicional.

Neste sentido, este artigo tem como objetivo a análise comparativa de discursos no âmbito dos estudos hermenêuticos, que são definidos por Paul Ricoeur como “ciência de decifração de símbolo, cujo sentido literal é guiado por um segundo sentido a ser descoberto, com valor ontológico implicado” (Ricoeur *apud* Mário Correa, 2024, p. 4). Apresenta-se como agentes da análise os “padres velhos”, influenciados pela TL e pelo progressismo político, e os “padres novos”, cujas visões teológico-políticas se alinham com o conservadorismo. Para tanto, iremos comparar os discursos de agentes das duas gerações, com o objetivo de compreender de que forma a Igreja Católica no Brasil tem refletido, internamente, as disputas ideológicas que atravessam a sociedade brasileira nas últimas décadas.

A análise crítica de discursos leva à compreensão de que o choque geracional dos sacerdotes católicos não é apenas uma questão de diferença pastoral, mas sim de profunda divergência hermenêutica quanto aos papéis da Igreja em questões da vida pública. Diante disto, este artigo investiga de que forma os posicionamentos que serão expostos refletem os contextos históricos e tensões internas da instituição eclesial, resultando numa batalha teológica entre discurso e práxis de justiça social e a reafirmação de um discurso moralmente conservador.

Transformações da Igreja no Brasil: Teologia da Libertação, Renovação Carismática e contexto sociopolítico

Este capítulo apresentará as transformações pelas quais passou a Igreja Católica no Brasil desde o encerramento do Concílio Vaticano II até os dias atuais, evidenciando as características dos dois movimentos que oportunamente frisaremos, seguindo o escopo deste artigo. A partir da compreensão das metamorfoses históricas e evidência da situação atual da Igreja do Brasil hoje, será possível analisar cuidadosamente os aspectos dos discursos, conforme proposto.

O Concílio Vaticano II e a Teologia da Libertação: bases para uma geração de padres sociais

O Concílio Vaticano II, promulgado pelo papa João XXIII (1881-1963) e realizado entre os anos de 1962 a 1965 na cidade que lhe deu o nome, representou uma virada secular na Igreja Católica. Marcado pela abertura de diálogo frente ao mundo moderno e suas demandas, o Concílio também representou uma ruptura interna em questões de doutrina, liturgia e discursos, que antes eram considerados pressupostos imutáveis do cristianismo católico ocidental. Nesse sentido, o Concílio Vaticano II promoveu uma maior proximidade da igreja com os indivíduos que dela faziam parte; renovou os rituais, trocando o latim pela língua vernácula, permitindo que os sacerdotes se voltassem para a assembleia nas missas. Além disso, reconheceu o direito à liberdade religiosa, abrindo espaço para a igreja participar, de alguma maneira, do movimento ecumênico mundial. Durante os anos de sua duração, os papas conciliares promulgaram documentos centrais, como é o caso da constituição *Gaudium et spes*, que reafirmou a missão da Igreja de se engajar nas causas políticas e sociais, dando enfoque nas situações de pobreza, desigualdade e restrição aos direitos humanos. Tratava-se de realinhamento com a chegada da modernidade, atendendo às exigências que tal realidade impunha aos católicos diante das novas configurações mundiais (Prandi; Santos, 2015). O Concílio rompeu com modelos anteriores de doutrina e instaurou o modelo de pastoral (mais tarde refletida no conceito de “sinodalidade”) em seu engajamento frente ao mundo, abrindo espaço para uma nova geração de líderes religiosos e leigos.

Na América Latina, o movimento de *aggiornamento* (ou renovação) encontrou terreno fértil, sobretudo por causa da realidade histórica deste território. Em meio às profundas desigualdades econômicas do continente latino-americano, aliado às constantes repressões e ditaduras militares, a recepção de um discurso de libertação e transformação foi amplamente aceita e difundida. A segunda conferência geral do episcopado latino-americano, chamada “Conferência de Medellín”, foi um marco na concretização de um projeto teológico-libertário na América Latina, representando a fidelidade dos bispos latino-americanos ao que propusera o Concílio e ao que assinaram

nas catacumbas de Domitila². Após a Conferência, ficou clara a postura que seria assumida pelos padres e bispos do continente nos próximos anos, estabelecendo como prioridade pastoral o compromisso com os pobres e com a transformação das estruturas de injustiça que marcavam o continente. Nesse contexto é que surge a chamada Teologia da Libertação, um movimento preconizado por teólogos como Gustavo Gutiérrez, Leonardo Boff e Jon Sobrino, que propuseram uma releitura do evangelho a partir da perspectiva dos oprimidos.

A Teologia da Libertação buscou interpretar as escrituras evangélicas de acordo com as diferentes realidades sociais da América Latina, priorizando uma hermenêutica que enfatiza a práxis enquanto componente central da fé. No Brasil, essa teologia foi recebida de forma muito positiva, aliando-se ao desenvolvimento inclusive de novos movimentos e partidos populares, como é o caso do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e do Partido dos Trabalhadores (PT). Aliando os fundamentos da fé cristã a práticas libertadoras, teólogos como Leonardo Boff, Frei Betto e Clódovis Boff auxiliaram profundamente na cristalização do movimento no país e na defesa de uma Igreja menos institucionalizada e mais aliada ao compromisso social. A TL se espalhou no Brasil todo por meio das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) que, combinando a liturgia cristã com a formação política, tiveram um papel crucial na conscientização política e na mobilização popular. Nesse sentido, houve uma forte e extensa conscientização da população mais simples no que diz respeito à percepção de classe e na construção do poder popular. Alia-se a isso a fundamentação ideológica que constitui a base da Teologia da Libertação, intimamente ligada às teses marxistas, conforme defende o sociólogo Michael Löwy (2016).

A RCC: promessa de outra renovação

Um significativo movimento de refluxo da Teologia da Libertação iniciou-se partir de 1990, o que favoreceu a ascensão de outras vertentes teológicas. O avanço do neoliberalismo e o crescimento do conservadorismo político foram refletidos no

² O “Pacto das Catacumbas”, celebrado nas Catacumbas de Domitila em Roma ao final do Concílio Vaticano II, foi um documento assinado por quarenta padres conciliares, marcando um compromisso de viver a simplicidade e solidariedade com os marginalizados e oprimidos. Nele, os padres renunciaram às insígnias de riqueza, além de habitações luxuosas ou carros particulares, e comprometeram-se em levar uma vida próxima ao povo pobre em vista do evangelho.

entendimento popular da fé cristã, colaborando para o fortalecimento de práticas teológicas aliadas a discursos de direita. Além disso, as tensões internas da Igreja Católica, expoente do cristianismo da libertação pelo mundo, produziram um sentimento de repulsa a quaisquer movimentos ligados à Teologia da Libertação.

A eleição de papas mais conservadores, como João Paulo II e Bento XVI, trouxe um endurecimento da postura do Vaticano em relação à TL. Segundo Jeffrey Klaiber, historiador das religiões, “Bento XVI consolidou o giro conservador que João Paulo II impôs à América Latina” (Klaiber, 2013). Documentos como a “Instrução sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação” (1984) e a “Instrução sobre a liberdade cristã e a libertação” (1986) refletiram uma preocupação com a politização da fé e buscaram reintegrar a doutrina católica em uma ortodoxia mais tradicional. Este movimento de “recentralização” doutrinária enfraqueceu muitos dos líderes e teólogos da TL, que passaram a enfrentar maior resistência e censura dentro da própria Igreja.

A Renovação Carismática Católica (RCC), surge como uma proposta de “um novo dinamismo eclesial, que leva a Igreja inteira a redescobrir valores espirituais” (Minette de Tillesse *apud* Lima, 2023, p. 118). Com ênfase em experiências espirituais intensas, prática de dons carismáticos e foco na evangelização pessoal, a RCC trouxe de fato uma dinâmica nova e distinta para a prática religiosa do catolicismo. Inspirado em movimentos pentecostais, esse movimento foca na experiência com o Espírito Santo. Tal abordagem espiritual encontrou ressonância significativa entre os fiéis que buscavam uma experiência religiosa mais emotiva e pessoal, em contraste com a abordagem da TL. Seu surgimento e crescimento está diretamente relacionado, conforme defendem Prandi e Souza, à despolitização da Igreja Católica: “No Brasil (...), a Igreja Católica acabou concebendo dois irmãos, antagônicos, que não poderiam conviver facilmente no mesmo espaço: as comunidades eclesiais de base (...) e o movimento carismático (...)]” (Prandi; Souza, 1996, p. 61).

A RCC teve suas origens em 1967, nos Estados Unidos, tendo chegado ao Brasil pouco anos depois, quando estava em curso o processo de reabertura democrática. Nesse sentido, pode-se inferir que o desenvolvimento da RCC se deu paralelamente ao desenvolvimento da TL, porém, com objetivos e abordagens profundamente distintos. Nos anos que se seguiram, o movimento cresceu exponencialmente no país, tornando-se uma força religiosa expressiva, inclusive com a fundação de uma emissora de televisão

para propagação do movimento, a Canção Nova. As abordagens centradas na dimensão espiritual e as celebrações caracteristicamente renovadas, com a ajuda dos meios de comunicação, colaboraram expressivamente para a expansão do movimento, que acabou por ofuscar o catolicismo popular e suas nuances.

Ricardo Mariano (2001, p. 6), observa que há uma presença significativa do cristianismo pentecostalizado no sul global. Essa afirmação poderia isentar a RCC de haver se baseado diretamente no pentecostalismo evangélico, se considerada a existência de um processo global de pentecostalização. Sendo essa a hipótese que reflete a realidade ou não, é preciso considerar a materialidade das práticas comumente denominadas evangélicas na leitura hermenêutica da RCC. Enquanto movimento cristizador do projeto de derrocada da TL, recebeu forte apoio e legitimação do Vaticano, que viu nela uma maneira de reenergizar a prática católica e de reforçar a adesão dos fiéis à doutrina tradicional da Igreja. De fato, a RCC condensa em sua hermenêutica práticas tanto do catolicismo tradicionalista quanto do pentecostalismo evangélico, agradando diferentes grupos de fiéis. Embora se possa falar do sentimento de sucesso produzido nos setores eclesiais por esse feito, o que nos importa aqui é destacar o êxito dos fiéis que, abandonados pelo discurso progressista e carentes de motivação, encontraram na RCC um empenho apelativo às questões econômicas e sentimentais que (escusas as consequências) os confortava e mantinha católicos (Minette de Tillesse, 2000, p.4).

A hermenêutica dos padres velhos e dos padres novos: signos e discursos

A materialidade histórica que propiciou o desenvolvimento dos dois movimentos anteriormente mencionados, quais sejam, a TL e a RCC, também lhes conferiu o caráter ideológico do tempo em que estiveram inseridas quando de sua gênese. As metamorfoses históricas da América Latina e as tensões internas da Igreja Católica estiveram associadas fortemente neste processo de influência dos discursos que se desenvolveriam em cada movimento. Portanto, uma vez evidenciadas as razões da polarização, é preciso identificar o nosso objeto, ou seja, os discursos e signos de cada movimento. A partir da identificação de cada um destes poderemos analisar, conforme a concepção de Paul Ricoeur (1995) sobre a hermenêutica da suspeita, os significados e intenções velados às aparências imediatas de discursos e símbolos. Isto contribuirá para analisar efetivamente as

consequências de cada discurso no contexto do catolicismo popular e na formação sociopolítica dos brasileiros católicos.

Um parêntese se faz necessário. É preciso evidenciar que, no escopo deste projeto, entendemos que a RCC não é a única responsável pelo desenvolvimento de todos os movimentos de conservadorismo católico. Pelo contrário, os movimentos chamados “tradicionalistas” ou “tradicionalistas radicais”³, caracterizados pela rejeição do Concílio Vaticano II, da chamada “missa nova” e da moral e abertura secular pós-conciliares, costumam rechaçar os católicos carismáticos, acusando-os de um pentecostalismo prejudicial à Igreja⁴. Existem vários movimentos e correntes responsáveis pelo fortalecimento do conservadorismo católico, que se desenvolveram após o Concílio Vaticano II. Esses grupos, denominados no meio católico como “tradicionalistas”, tem em comum a defesa da doutrina, moral e liturgia pré-conciliares, remetendo-se diretamente à defesa do Concílio de Trento (1545 – 1563). Não obstante, esses grupos se dividem e estão presentes em diversas esferas da Igreja Católica, uma vez que há grupos de preferência do tradicionalismo sem e com a aceitação do Concílio Vaticano II (alguns inclusive provocaram cismas em torno da rejeição total do Concílio e do papado pós-conciliar). Exporemos brevemente alguns desses grupos a seguir.

O *Opus Dei* (do latim, “obra de Deus”) configura-se na atual realidade como um dos grupos conservadores mais influentes dentro da Igreja Católica. Fundado por Josemaría Escrivá (canonizado por João Paulo II em 2002) em 1928, consolidou-se como um expoente do chamado “tradicionalismo” após o Concílio Vaticano II. Originalmente espanhol, o movimento se caracteriza pelo compromisso com a santificação do trabalho e o chamado à santidade, o que poderia ser analisado à luz de Weber (2004, p. 113) se colocado em comparação com a ética protestante. O movimento, apesar de tradicionalista, sempre esteve sob as ordens de Roma, reconhecendo e enfatizando a hierarquia católica.

³ Os termos citados, bem como suas variações (“trads” e “rad-trads”), foram utilizados uma vez que observados durante algum tempo, empiricamente, os embates entre grupos distintos dentro do catolicismo. Em grupos de facebook e blogs católicos, há sempre uma polarização entre os “modernistas” (que aceitam o Concílio Vaticano II e a cátedra papal), “tradicionalistas” (que, embora reconheçam a legitimidade do Concílio, costumam rejeitar a chamada ‘missa nova’ e a moral conciliar) e os “rad-tradicionalistas” (que rejeitam o Concílio Vaticano II e declaram estar vacante a Sé de Pedro, optando pelo cisma e pela exaltação do Concílio de Trento).

⁴ Cf. “Os 50 anos da Renovação Carismática Católica e o Documento 53 da CNBB”, disponível em <https://fratresinunum.com/2017/06/06/os-50-anos-da-renovacao-carismatica-catolica-e-o-documento-53-da-cnbb/>. Acesso em 10 set. 2024.

João Paulo II deu ao movimento o *status* de “prelazia” pessoal⁵, por meio da Constituição Apostólica *Ut Sit* (1982), refletindo a confiança e o apoio da Igreja à missão do movimento. Isto porquê há por parte da prelazia uma rigorosa defesa da doutrina católica tradicional, sobretudo no que diz respeito à moralidade sexual e à defesa da chamada “família tradicional”. Embora sua abordagem não esteja diretamente focada em questões litúrgicas, seu tradicionalismo se manifesta nos discursos de disciplina moral e na proximidade histórica com regimes autoritários (como o de Francisco Franco na Espanha). Nos últimos anos, o *Opus Dei* foi alvo de inúmeras acusações, enfrentando escândalos relacionados à exploração de mulheres e abusos sexuais⁶. Todavia, apesar das acusações, o movimento continua operante e reforçando seus princípios doutrinários entre os católicos.

Na manifestação do tradicionalismo radical (ou extremo), é preciso evidenciar a Fraternidade Sacerdotal São Pio X (FSSPX). Este grupo foi fundado pelo bispo francês Marcel Lefebvre, em 1970, tendo como orientação norteadora a negação do Concílio Vaticano II e de todos os pronunciamentos e ritos pós-conciliares. A FSSPX recebeu milhares de adeptos no mundo todo, consolidando a ofensiva do tradicionalismo radical em detrimento das reformas Conciliares. No início do movimento o Vaticano investiu em tratativas para que o grupo retornasse à comunhão eclesial, mas, enquanto sedevacantistas⁷, os membros da FSSPX apenas ignoraram as tentativas. Em 1988, o líder do movimento Lefebvre consolidou o cisma, ordenando bispos quatro sacerdotes da fraternidade sem o mandato apostólico (pedido do Papa). Após isso, radicalizaram os costumes tendo em vista a Igreja do Concílio de Trento. Essa radicalização está expressa sobretudo na celebração exclusiva da chamada missa “tridentina” (em latim e no rito antigo) e no uso de indumentária pré-conciliar; além disso, ideologicamente, rejeitaram e passaram a condenar os avanços doutrinários pós 1965, sobretudo no que diz respeito ao diálogo interreligioso e ao ecumenismo. No mesmo esteio, baseiam-se fortemente na

⁵ Uma prelazia pessoal é um status que a Igreja dá a poucos movimentos, definindo que esta organização não se limita a um território geográfico específico, mas a sua própria estrutura interna.

⁶ Cf. “As 43 domésticas sul-americanas que denunciam a Opus Dei por servidão e exploração”, disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/geral-62401002>. Acesso em 10 set. 2024; Cf. “Opus Dei reconhece cinco casos de abuso infantil em Portugal”, disponível em <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/627963-opus-dei-reconhece-cinco-casos-de-abuso-infantil-em-portugal>. Acesso em 10 set. 2024.

⁷ O termo “sedevacantista” se refere ao católico ou grupo de católicos que não reconhecem a manutenção do papado desde Paulo VI, alegando que, por conta das reformas conciliares, Roma teria apostatado da fé e, portanto, a sede de Pedro estaria vacante.

doutrina do *Extra Ecclesiam nulla salus* (“fora da Igreja não há salvação”), além de se associarem a uma crítica mais ampla da modernidade, do progressismo e do relativismo moral. Por essas características o grupo foi incorporado, até os dias atuais, entre as referências mais concretas ao tradicionalismo radical católico.

Outro movimento tradicionalista de destaque no catolicismo brasileiro é o chamado “Arautos do Evangelho”. Fundado em 1999 pelo padre João Scognamiglio Clá Dias, esse grupo católico se formou a partir do discipulado de jovens que seguiam Plínio Corrêa de Oliveira na chamada TFP (Tradição, Família e Propriedade). João Clá elaborou o movimento com fortes aspectos litúrgicos e focado no devocionismo mariano tradicional. O Vaticano reconheceu em o movimento em 2001 como uma “associação internacional de fiéis”, corroborando sua prática na dinâmica interna da Igreja. Há um forte apelo tradicionalista no movimento, com a adesão a uma espiritualidade que segue rigorosamente os princípios morais e doutrinários da Igreja (sem, contudo, deslegitimar o Concílio Vaticano II). Suas igrejas e mosteiros possuem uma estética essencialmente medieval, seus hábitos sugerem uma moral de vestimentas rigorosa, e suas missas são marcadas pela alta solenidade e extenso uso do latim (aproximando-se assim de grupos que resistem à simplificação das práticas litúrgicas pelo Concílio). Os membros dos arautos se consideram fiéis guardiões da tradição católica romana, opondo-se ferrenhamente a qualquer compromisso com os valores modernos (Zanotto, 2011, p. 295).

Apesar do alcance, extensão e poder de influência que os movimentos citados podem exercer nos católicos do Brasil e do mundo, inculcando-lhes um viés conservador, este trabalho volta-se majoritariamente ao fenômeno de emergência da Renovação Carismática Católica, enquanto objeto de nossa análise particular. Isto porquê a RCC possui características únicas diante do cenário sociorreligioso do Brasil e da América Latina. No Brasil, enquanto outros movimentos de cunho conservador possuem uma base mais restrita e elitizada, a RCC obteve uma penetração bem mais ampla, sobretudo entre as classes populares e periféricas. Isto se dá, entre outros motivos, por conta da utilização de linguagem espiritual acessível e da ênfase no sentido emocional e na vivência comunitária, responsáveis pelo crescimento exponencial e presença capilar do movimento por entre as comunidades católicas do país. Ademais, a estrutura e estilo de culto do movimento, que possuem traços de semelhança com o pentecostalismo, fazem com que a RCC desempenhe um papel estratégico no mercado religioso brasileiro que, apesar de

se configurar como uma proposta de renovação espiritual, é conservador em sua doutrina. A capacidade do movimento em unir novas práticas litúrgicas a um *ethos* conservador o torna um ponto crucial dentro da análise de discursos eclesiais e seus impactos diante da constituição político-ideológica dos católicos brasileiros.

Os signos e discursos dos padres velhos

Antes de proceder à dissertação deste subcapítulo, é importante tornar compreensível a chave de análise que deu contorno à concepção de que pretendemos tratar aqui, qual seja, a da categoria de “padres velhos”. O teólogo Agenor Brighenti, em sua obra “O novo rosto do clero: Perfil dos padres novos no Brasil” (2021), elaborou a categoria de “padres novos”, a partir também de uma análise comparativa entre agentes eclesiais; Brighenti analisou os agentes pertencentes à perspectiva “institucional/carismática”, colocando seus resultados de campo em contraposição aos agentes da perspectiva “evangelização/libertação”. Concretamente, este artigo se baseia no trabalho feito por Brighenti, mas com ênfase na análise de discursos e no impacto que estes desenvolvimentos hermenêutico/discursivos podem exercer sobre o ideário político do eleitorado católico brasileiro. Para Brighenti

[...] os presbíteros das últimas décadas, comumente denominados «padres novos», em sua grande maioria se alinham à primeira perspectiva sociopastoral, que intitulamos «institucional/carismática»; já os presbíteros das décadas anteriores, denominados «padres das décadas de 1970/80», preponderantemente se alinham à perspectiva intitulada «evangelização/libertação» (Brighenti, 2022, p.126)

Precisamente, queremos inserir no contexto da sociologia da religião a categoria “padres velhos”, outrora denominados por Agenor Brighenti como “padres das décadas de 1970/1980” (ibid). A inspiração para o batismo desta categoria surge de uma análise empírica feita durante pesquisa de mestrado (em andamento), que procurou analisar a efetividade, nos dias atuais, do discurso da Teologia da Libertação diante da formação política de indivíduos assentados pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Durante incursão ao campo, quando questionada uma pessoa da liderança do movimento no recorte escolhido acerca da presença de padres num lapso temporal de 20 anos no assentamento, ela me respondeu que

Naquela época (chegada do MST na cidade) os padres eram mais políticos. Hoje em dia não tem padre pra nos atender. **A gente fica com os padres velhos, que nos ajudam.** Se precisar de padre hoje em dia, olha.... (gesto de sufoco com as mãos)".
(Entrevista realizada em 04 de novembro de 2023)

A fala da entrevistada sobrepôs as duas categorias analisadas por Brighenti, dando origem inclusive ao termo “padres velhos”, que aqui abordamos. A empiria do MST nos interpelou a investigar e analisar quem são os “padres velhos” (que ajudam nos movimentos sociais) e os “padres de hoje em dia” (do que os movimentos sociais não podem depender), conforme a fala de nossa agente.

Por “padres velhos” entenda-se, no escopo deste artigo, como a geração de padres pós-conciliares que, formados no âmbito das conferências de Medellín e Puebla, tornaram-se adeptos da Teologia da Libertação e em sua maioria companheiros dos movimentos sociais na América Latina. Outro fator importante a se ressaltar é o agravante geracional relacionado à idade. Grande parte desses agentes eclesiais relacionados à Teologia da Libertação vieram a falecer nos últimos 10 anos, e os que restam estão consideravelmente velhos em idade. Alia-se a esse agravante o apagamento institucional da Teologia da Libertação e a dificuldade de transmissão dos valores deste movimento teológico, que são em parte responsáveis pelo desenvolvimento do caráter conservador em uma parcela dos padres novos.

Efetivadas as nuances históricas que possibilitaram o estabelecimento da Teologia da Libertação na América Latina, este modelo de práxis teológica viveu seu apogeu entre as décadas de 1960 e 1970. Após a consolidação da teoria libertária e definidos os rumos da caminhada de libertação, os teólogos, junto de padres, bispos e inúmeros leigos pelo Brasil e por toda a América Latina, sucederam a um projeto de reconstrução da Igreja Católica, que deveria e foi ensejado a partir das bases estruturais do capitalismo e da Igreja. A democratização do pensamento teológico havia suprimido o enfoque da ortodoxia hegemônica e proporcionou a concretização dos desejos conciliares, dentre os quais estava prevista uma maior participação dos leigos e reinserção da Igreja no mundo e nas causas sociais.

A Igreja, renascida das catacumbas pelo Concílio Vaticano II, representava uma postura de oposição ferrenha à Igreja piramidal de Trento. Também os padres e bispos unidos às causas de libertação passaram a referenciar-se na cultura e nas tradições dos pobres para expressar-se como presença da Igreja: deixaram de lado as pomposas vestes

clericais, sobretudo a batina, preferindo por vezes o uso do *clergyman* ou mesmo de vestes civis, para irem ao encontro do povo como parte deles; abandonaram o uso das joias tradicionais e de elementos que fizessem analogia à riqueza, e conseguiram criar um recurso semiótico que permitia identificar com facilidade os conhecidos padres da “opção preferencial pelos pobres”.

A autopercepção de estrato econômico era suscitada por meio do que podemos chamar de subversão do capital simbólico imposto historicamente: na liturgia das comunidades, os cantos preconizavam a justiça social e a fraternidade, enquanto criticavam a miséria e o acúmulo de capital. Tudo de forma simples, expressado na linguagem do povo, afim de incutir-lhes um caráter de reconhecimento identitário, desafiando a passividade e a aceitação da pobreza como destino divino ao passo em que promovia uma fé engajada e libertadora. O mesmo acontecia e ainda acontece nos encontros da PJ (Pastoral da Juventude), que formou uma multidão de jovens católicos engajados nas lutas sociais. O exemplo citado, dos cânticos, que no período começaram a amplamente ser utilizados na celebração eucarística e na celebração dos sacramentos, pode ser observado no trecho abaixo:

No banquete da festa de uns poucos
Só rico se sentou
Nosso Deus fica ao lado dos pobres
Colhendo o que sobrou [...]
(Música – “Se calarem a voz dos profetas” – Ir. Vaz Castilho)

Além dos cantos, que são perceptíveis até os dias atuais em celebrações por todo o Brasil, existem outros signos da Teologia da Libertação que merecem ser destacados. Talvez como um recurso de autodefesa diante das ofensivas conservadoras, os padres adeptos da TL passaram a referenciar-se em signos estéticos, que lhes permitia identificar como parte daqueles que fizeram a chamada opção preferencial pelos pobres. O maior destes signos talvez seja o anel de tucum. Feito de um fruto nativa da região amazônica, esse anel passou a ser amplamente utilizados por padres, religiosos e leigos, como “sinal da aliança com a causa indígena e com as causas populares [...] um símbolo de solidariedade de pessoas que lutam e se engajam em movimentos sociais” (Furlan apud Munhoz Sofiati; Guimarães Santos; Da Silva Moreira, 2024, p. 362). Além disso, o uso de poucos paramentos para a celebração dos sacramentos e a diversidade de cores presentes neles também passaram a revelar o discurso que permeava quem os vestia.

Desta forma, os padres velhos conseguiram assumir uma identidade visual que lhes garantia a proximidade de outros discursos progressistas. Para alguns fiéis, visualizar esses signos acabou tornando-se como uma mensagem de que aquele padre era próximo à realidade deles.

No âmbito social, os discursos dos padres velhos se alastraram culturalmente, mais uma vez servindo de subversão ao capital simbólico burguês. Por meio da atuação deles, a Teologia da Libertação foi, aos poucos, infiltrando-se profundamente nos costumes e práticas sociais brasileiros, contribuindo para a formação de um novo capital simbólico, desta vez produzido pelos pobres e marginalizados. Os discursos chegavam facilmente à realidade das classes populares, por meio das CEBs e demais grupos de trabalho idealizados pela TL. Isto acabou por moldar não apenas a prática religiosa, mas também a dinâmica social e política do país.

Estes movimentos impactaram profundamente a cultura política brasileira, contribuindo para a construção de um *ethos* democrático e participativo. A valorização do diálogo, da participação comunitária e da luta por justiça social passaram a impregnar o discurso e a prática política de leigos e de partidos progressistas. Inclusive, políticos como Luiz Inácio Lula da Silva⁸ e Randolfe Rodrigues⁹ admitiram terem sido formados politicamente pelo escopo da Teologia da Libertação nas CEBs. Este novo capital simbólico, forjado no encontro entre fé e compromisso social, ajudou a moldar uma sociedade mais consciente de seus direitos e mais empenhada na busca por igualdade e justiça.

Os signos e discursos dos padres novos

A “restauração conservadora” conduzida pelo papa João Paulo II na nomeação de bispos conservadores e punição de teólogos da libertação, principalmente Leonardo Boff, e o crescimento evangélico-pentecostal seguido pelo fortalecimento do catolicismo carismático constituíram importantes pilares do processo de refluxo da TL. Soma-se a isso a reabertura democrática, que tirou da Igreja Católica o protagonismo de abrigar

⁸ Cf. “Lula a Leonardo Boff: o PT não existiria se não fosse a Teologia da Libertação”. Disponível em: <https://www.acidigital.com/noticia/45095/lula-a-leonardo-boff:-o-pt-nao-existiria-se-nao-fosse-a-teologia-da-libertacao>. Acesso em 14 set. 2024.

⁹ Cf. “Pronunciamento de Randolfe Rodrigues em 18/03/2013”. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/pronunciamentos/-/p/pronunciamento/397725>. Acesso em 14 set. 2024.

militantes, cedendo espaço para organizações não-governamentais e partidos políticos (Prandi; Souza, 1996)

Ainda no âmbito social mais amplo, um dos fatores primordiais foi a transformação do contexto político e econômico global, marcada pela ascensão do neoliberalismo, que se seguiu ao desmoronamento do bloco socialista liderado pela antiga União Soviética. Este novo paradigma econômico enfraqueceu muitas das bases sociais que sustentavam a TL, ao desarticular movimentos sociais e comunidades que eram essenciais para a sua propagação e desenvolvimento.

No Vaticano, a eleição de Karol Wojtyła (Papa João Paulo II) em 1978 consolidou a força dos movimentos conservadores na Igreja. Formado em uma Polônia marcada fortemente pelo combate ao comunismo, João Paulo II empenhou-se, durante seu pontificado, em reforçar a unidade de doutrina da Igreja. Crítico ferrenho ao marxismo, defendeu a necessidade de reforço da ortodoxia católica diante da ofensiva da Teologia da Libertação, que, em sua visão, “ameaçam diretamente as verdades de fé sobre o destino eterno das pessoas” (Congregação para a doutrina da fé, 1984).

A cruzada eclesial contra a Teologia da Libertação configura um marco significativo para a virada conservadora na Igreja Católica. Liderada pelo braço direito de João Paulo II, o cardeal Ratzinger (à época prefeito da Congregação para a doutrina da fé; posteriormente eleito papa Bento XVI), esta cruzada culminou no dismantelamento de comunidades eclesiais de base, na imposição do silêncio a padres progressistas e, por fim, no ocultamento da maior parte de militantes da Teologia da Libertação. Ameaçados pela ofensiva conservadora, os agentes da TL tornaram-se cada vez mais reclusos, o que colaborou para que, midiaticamente, outros movimentos católicos tomassem maior proporção. A eleição (em 2013) do papa argentino Jorge Mario Bergoglio (Papa Francisco), formado também pela TL, significou muito para a retomada das discussões sociais pela Igreja. Francisco perdoou os agentes silenciados, pondo fim à cruzada iniciada por João Paulo II e continuada por Bento XVI (Reyes Alcalde, 2019). Todavia, os processos internos que levaram ao ocultamento da TL não permitiram que os padres pudessem formar outros padres de acordo com essa ideologia teológica, o que explica o fenômeno dos “padres velhos” e a dificuldade de transmissão dessa tradição.

Outros fatores, como a secularização das sociedades do Ocidente também serviram de impulso para que a Igreja reforçasse sua identidade ortodoxa. A perda de

influência da Igreja diante de temáticas como direitos reprodutivos e sexualidade cristalizou uma postura mais firme da Igreja, que passou a condenar veementemente o que chamou de “relativismo moral” (João Paulo II, 1993).

No Brasil, o crescimento exponencial de denominações evangélicas pentecostais alarmou a Igreja, que viu na Renovação Carismática Católica uma alternativa à perda de fiéis e ao abandono da tradição. A RCC, por fim, desempenhou um papel crucial na guinada conservadora da Igreja Católica. Segundo a socióloga Brenda Carranza

A renovação carismática, a pentecostalização, a direita cristã e a direita católica têm um projeto político e se expressam politicamente em todas as instâncias, assim como a Teologia da Libertação tinha um projeto político e se expressava em todas as instâncias [...] (Instituto Humanitas Unisinos, 2024)

Como defendemos anteriormente, a RCC é uma das principais responsáveis pela propagação dos signos e discursos dos padres novos no Brasil. No âmbito deste movimento, representado majoritariamente em mídias televisivas e digitais (vide a TV Canção Nova e Rede Século XXI, por exemplo), as práticas religiosas recebem novos significados, ligados à uma vivência intensa da espiritualidade católica. Importante frisar, como destaca Souza (2005), o papel das mídias televisivas na produção e propagação desses novos sacerdotes, cujo objetivo seria a evangelização católica, como marketing religioso de reação ao exponencial crescimento do pentecostalismo evangélico. Por este motivo, as práticas litúrgicas e da RCC podem ser associadas aos cultos pentecostais, dadas as características que são inerentes em ambos, e que se aproximam por práxis e por imagem. Nesse escopo, a obra de André Ricardo de Souza (2005), que traz uma análise sociológica acerca dos padres cantores, nos ajuda a definir melhor quem são os chamados “padres novos”. Como destacado por ele, ao utilizar o exemplo do famoso padre Marcelo Rossi, “este padre torna-se um novo exemplo de padre para as futuras vocações” (Cuyabano, 2013, p.3). Dada a midiaticização e fama dos padres cantores, tornou-se comum que os seminaristas da atualidade (carentes de formação alinhada às causas dos pobres) almejem viver de forma semelhante a sua vida sacerdotal.

As celebrações carismáticas (sobretudo a celebração da missa), embora em consonância com os ritos oficiais da igreja, apresentam diferentes dinâmicas, que se relacionam ao apelo emocional. Além das ritualísticas previstas pela liturgia tradicional, a RCC é bastante conhecida por seus eventos paralitúrgicos, dentre os quais se

configuram diversas palestras, os chamados “encontros” (de jovens, de casais, etc.) e orações do terço. Estes elementos paralitúrgicos reforçam o ideal da ênfase na espiritualidade individual e na transformação pessoal. Neste sentido, as metamorfoses históricas que retiraram do catolicismo o protagonismo da TL e o transferiram à RCC podem ser definidas pelo abandono das causas coletivas e sociais, o que culminou no desenvolvimento de uma fé centrada na individualidade e na superação pessoal. Segundo Reginaldo Prandi (1997, p. 174), “A Teologia da Libertação queria mudar o mundo a partir do social [...] Na RCC o mundo muda quando sou mundo”.

Se as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) possuíam celebrações características de sua práxis (como o Ofício Divino das Comunidades e os encontros intereclesiais), a RCC também possui. Todavia, o fator da midiaticização em larga escala, aliado ao contexto histórico, influenciou fortemente para que os atos da RCC se alastrassem com maior facilidade, favorecendo sua ampla aceitação popular. Além disso, a determinante condição de uma fé individualizada e pautada na transformação pessoal é o que dá o tom de todos os eventos ligados à RCC, o que colabora para uma maior adesão, sobretudo por parte dos fiéis seduzidos pelo emocionalismo pentecostal. De igual modo, a RCC também desenvolveu uma hermenêutica e semiótica profundamente apuradas, como trataremos a seguir (por meio dos discursos presentes em signos imagéticos e vocais, por exemplo). Esses signos estão predominantemente presentes na grande maioria dos aqui chamados padres novos, uma vez que, mesmo enquanto seminaristas, as imagens que eles possuem acerca dos padres é aquela veiculada pela mídia católica (a até mesmo a secular, já que tem se tornado cada vez mais frequente a presença de padres em programas da grade comum).

A ênfase da RCC em relação ao sagrado se pauta na terceira pessoa da Santíssima Trindade, o Espírito Santo. Historicamente, o escopo do movimento está relacionado à passagem bíblica do pentecostes, episódio em que, após a ressurreição de Jesus, o espírito santo teria descido sobre os apóstolos, em formato de pomba, e lhes concedido a habilidade de falar em diferentes línguas. Amparados por essa narrativa, os católicos carismáticos acabaram por criar uma espécie de “teologia carismática”, como defende Reginaldo Prandi (1997), responsável por promover “o resgate da ênfase da teologia sobre o Espírito Santo” (Sofiati, 2009, p. 225).

Antes de expor os signos, é preciso ressaltar a forte participação leiga em eventos da RCC. Em grandes eventos e encontros, há sempre a presença dos chamados “pregadores”, homens e mulheres leigos, que geralmente trazem algum “testemunho” ou grande capacidade discursivo-persuasiva. Sendo assim, tanto em relação aos leigos quanto aos clérigos do movimento, há um padrão de “pregação” (termo adotado dos pentecostais) vibrante e emotivo, muito semelhante ao praticado pelos evangélicos pentecostais. Essas pregações, geralmente, são marcadas por discursos que articulam uma espiritualidade profundamente subjetiva e uma defesa explícita de valores morais conservadores¹⁰.

A RCC mantém práticas litúrgicas tradicionais, como a missa e a celebração dos sacramentos. Todavia, há duas faces destas celebrações, características do movimento carismático, que são dignas de observação, quais sejam: 1- o frequente uso do latim e dos cantos gregorianos; 2 – a inserção de elementos carismáticos durante a celebração dos sacramentos (na missa, a “homilia” torna-se momento de longa pregação e, por vezes, de “repouso no espírito¹¹” e “oração em línguas”). A primeira mantém e manutenciona o *status* de “católico” ao movimento, ao passo em que também garante a aceitação da RCC diante de ofensivas ou pontificados mais conservadores (como o caso de João Paulo II e Bento XVI). A segunda face expressa os signos particulares do movimento, propriamente ditos, apontando para a experiência espiritual emotiva e intensa, sem que precisem abrir mão do catolicismo.

A celebração da missa é o ponto auge das práticas carismáticas. Amplamente televisionadas, inclusive em grades seculares (como é o caso do padre Marcelo Rossi), as celebrações da eucaristia passaram a representar o ponto alto da práxis carismática. É durante essas celebrações que, unindo o sacramento católico (a eucaristia) aos novos “sacramentais” carismáticos (o repouso no espírito e a glossolalia¹²), aparecem os principais signos da RCC. A chamada homilia, parte da missa em que o padre oportuniza

¹⁰ Conferir o artigo de Jonas Abib, fundador da Canção Nova, contra a legalização do aborto. Disponível em: <https://padrejonas.cancaonova.com/mensagem-do-dia/o-cristao-deve-ser-a-favor-da-vida/>. Acesso 21 nov. 2024

¹¹ “O repouso no Espírito é considerado pelos carismáticos como um momento especial da experiência religiosa, quando o Espírito invade todo o corpo humano, rende-o de suas resistências e o torna tão livre a ponto de que nem o próprio sujeito o consegue controlar e, por isso, acaba caindo ao solo, ou seja, ‘repousando no Espírito’” (Pereira, 2009, p. 75).

¹² “Prática que excede a história da RCC e o próprio catolicismo, a glossolalia é uma prece na qual o sujeito falante profere a ‘língua dos anjos’, assim chamada em referência ao seu caráter não lógico-narrativo e, em parte, não humano” (Pereira, 2009, p. 59)

uma reflexão das escrituras, é utilizada pela RCC de forma muito semelhante àquelas utilizadas pelas pregações pentecostais. Os padres ali se detêm por cinquenta minutos, uma hora ou mais, revezando entre pregações, interação com o povo e orações suplicando a descida do espírito santo, que finalmente é manifestada pela oração coletiva em línguas. Após isso, a celebração da eucaristia, conforme prevista pela igreja, continua normalmente.

Além do batismo no espírito e a glossolalia, outros signos são recorrentes nas celebrações da RCC. A maior parte destes signos reforçam a crença na transformação espiritual e na cura física, como é o caso das “missas de cura e libertação” e o “cerco de Jericó”. Em ambos, os padres e ministros leigos conduzem súplicas de cura e rituais de libertação espiritual. Esses rituais assumem grande importância nos encontros e discursos carismáticos, uma vez que, além de representar a dimensão sagrada da fé, também possui caráter atrativo para os fiéis. Outro recurso bastante utilizado hermenêuticamente é o das músicas que, acompanhadas de gestos de louvor e erguer de mãos, reforçam a dinâmica participativa dos fiéis.

Os padres da RCC também se destacam pela utilização de um discurso evangelizador que articula um conservadorismo moral e espiritual, e que valoriza a transformação pessoal. A pregação dos padres e leigos carismáticos reforça, sobretudo, a necessidade de conversão pessoal, pautado por narrativas de rompimento com comportamentos considerados pecaminosos pela doutrina tradicional da Igreja Católica. Todavia, anexo a esse discurso de conversão pessoal encontra-se a defesa da moralidade sexual e dos valores da chamada “família tradicional cristã”. Por isso, é recorrente nas homilias e pregações carismáticas a rejeição a métodos contraceptivos e interrupção da gravidez, além de considerar o casamento heterossexual como único modelo legítimo de união. Nesse sentido, os padres e pregadores da RCC frequentemente se portam como defensores de uma ética moral, desenvolvendo e legitimando discursos de enfrentamento ao que consideram como “ameaças” ao modelo tradicional familiar.

O discurso moral disseminado pela RCC e pelos padres novos abrange diversos setores de discussão política. Os discursos e signos (como os cânticos) destes agentes é marcado pela crítica ao secularismo e ao relativismo moral que rondam a sociedade contemporânea. Frequentemente, os padres carismáticos apresentam a RCC como uma resposta à perda de valores cristãos na sociedade, incitando os fiéis a tomarem partido de

forma ativa, contra o que eles consideram como práticas sociais anticristãs. Nesse escopo, o discurso político é carregado de críticas a movimentos sociais progressistas e à chamada “ideologia de gênero”, que os alia a pautas políticas da direita brasileira. Segundo Brenda Carranza, esse movimento religioso de apoio à direita política se inicia com as Igrejas pentecostais e transborda ao catolicismo, por meio da RCC (Carranza, 2022).

Ao articular discursos que condensam fé e política, esses padres podem influenciar diretamente o comportamento eleitoral e as posturas políticas de seus fiéis. Não por acaso, nas últimas eleições brasileiras (2018 e 2022), a RCC, aliada a outras vertentes conservadoras do catolicismo, desempenhou um papel consideravelmente ativo na mobilização de eleitores, sobretudo através das mídias de comunicação televisivas e digitais, e de líderes religiosos (padres e bispos) que apoiaram abertamente o discurso conservador de alguns candidatos¹³.

Considerações finais

A RCC tem, nos últimos anos, desempenhado um papel fundamental na moldagem de práticas religiosas e nas perspectivas sociopolíticas dos padres novos, que se formam em um contexto marcado pelo conservadorismo teológico e social. O crescimento exponencial desse movimento no século XXI, aliado à perda de força pela TL e falecimento dos padres velhos, impactou diretamente a formação de seminaristas e jovens sacerdotes, que se identificam com a agenda moral e conservadora. Os signos são essenciais para a percepção dessa influência, seja por meio de paramentos e símbolos litúrgicos ou cânticos. Isso reflete profundamente na maneira como esses sacerdotes articulam seus discursos dentro e fora de suas paróquias.

Grande parte dos padres novos tiveram prévio contato com a RCC, devido ao seu crescimento no país, o que influenciou fortemente sua formação. A emergência da RCC pode ter moldado o currículo e a prática pastoral dos padres novos, de forma que a pregação destes é marcadamente distinta da pregação dos padres velhos. As homilias dos padres novos tendem a rejeitar e evitar debates sobre questões estruturais e econômicas, apesar da presença do conservadorismo moral. Enquanto os padres velhos, adeptos da

¹³ Conferir o vídeo de uma homilia do padre José Augusto, da Canção Nova em 2010, intitulado “Padre José Augusto quebra o silêncio e faz denúncia sobre o PT em homilia histórica”. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=cW58eLVQyu4>. Acesso em: 21 nov. 2024.

TL, se pautam na libertação integral do indivíduo frente às opressões do capital, os padres novos, influenciados pela RCC, pregam a libertação do indivíduo das garras do demônio e do pecado.

Neste sentido, a análise comparativa entre a hermenêutica de duas gerações de agentes religiosos é capaz de nos revelar que a perda física e ideológica dos ideais dos padres velhos e o fortalecimento da nova geração de sacerdotes conservadores refletem mudanças tanto na estrutura eclesial quanto nas tendências sociopolíticas do Brasil. Os discursos dos padres novos revelam a volta de uma Igreja voltada para a restauração de valores morais, ainda que considerada a novidade do Concílio Vaticano II. Além disso, esses discursos contrastam e se sobrepõem diretamente com o engajamento dos padres velhos na luta por direitos sociais e na crítica ao capitalismo. A ênfase na evangelização por gatilhos emocionais e nas experiências carismáticas, próprias da RCC, serviram como uma estratégia para conquistar novamente os fiéis perdidos para o pentecostalismo, em um cenário religioso cada vez mais plural e competitivo (Brandão, 2019, p. 80). Soma-se a isso a habilidade que os padres novos demonstram para utilizar a mídia (especialmente a televisão e as redes sociais) com o intuito de difundir suas homilias e ideologias, o que lhes confere grande visibilidade e influência sobre a população católica.

Essa transição de uma Igreja aliada do progressismo, representada pelos padres velhos, para uma Igreja mais conservadora, liderada pelos padres novos, gera impactos profundos para a instituição e para os fiéis católicos. Se, por um lado, os padres novos trazem dinamicidade às práticas espirituais, por outro, o conservadorismo político que permeia os discursos destes agentes afasta parte da Igreja de um protagonismo em questões de justiça social. O foco nos valores morais tradicionais e a rejeição ao diálogo diante de problemáticas contemporâneas criam um distanciamento entre a Igreja e aqueles que outrora buscavam nela uma voz ativa na luta por igualdade e libertação política.

Assim como o contexto religioso da década de 1980, encabeçado pelos padres velhos, influenciou o cenário político do Brasil (com a ascensão de candidatos e movimentos progressistas), também o faz o contexto contemporâneo, substancialmente composto por padres novos. A retórica discursiva destes tem se alinhado fortemente com o crescimento de forças políticas conservadoras no Brasil nos últimos anos. Nesse sentido, as posturas políticas dos padres novos convergem com movimentos e partidos que defendem temas como austeridade econômica, privatizações e cortes em programas

sociais, reafirmando o papel do indivíduo e da família em detrimento do compromisso com políticas de justiça social. A identificação com o conservadorismo brasileiro, que cresce a partir da crise política e econômica da década de 2010, é um exemplo claro dessa interação entre fé e política conservadora.

A aliança entre as mídias católicas e a agenda conservadora tem impacto direto sobre o comportamento eleitoral e a cultura política no Brasil. Por meio de programas de TV, sermões transmitidos pela internet e eventos religiosos amplamente cobertos pela mídia católica (e algumas seculares), os padres novos moldam a percepção de seus fiéis sobre temas políticos, muitas vezes reforçando o papel de "salvadores da moralidade" que certos políticos buscam encarnar. Essa influência dos padres novos sobre o contexto político brasileiro reforça a convergência entre a fé religiosa e o conservadorismo moral, moldando o comportamento eleitoral de milhões de católicos e consolidando uma visão política que prioriza a defesa de valores tradicionais em detrimento de reformas sociais.

Referências bibliográficas

- BERGER, Peter L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BETTO, F. *Por que fizemos opção pelos pobres (e eles pelo neopentecostalismo)?*. Le Monde Diplomatique. Edição 113: 6 dezembro de 2016. Disponível em: <http://diplomatique.org.br/por-que-fizemos-opcao-pelos-pobres-e-eles-pelo-neopentecostalismo/>. Acesso em: 25 jun. 2024.
- BRANDÃO, André Augusto Pereira; JORGE, Amanda Lacerda. *A recente fragmentação do campo religioso no Brasil: em busca de explicações*. Revista de Estudios Sociales, [S.L.], n. 69, p. 79-90, 1 jul. 2019. Universidad de los Andes. <http://dx.doi.org/10.7440/res69.2019.07>.
- BRIGHENTI, A. *O novo rosto do clero: o perfil dos padres novos no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2021.
- BRIGHENTI, A. *Perfil dos padres novos no Brasil*. Seminarios Sobre Los Ministerios En La Iglesia, [S.L.], v. 67, n. 230, p. 123-134, 1 jul. 2022. Hermandad de Sacerdotes Operarios Diocesanos. <http://dx.doi.org/10.52039/seminarios.v67i230.1045>.
- CARRANZA, Brenda. *O casamento perfeito: a ligação entre evangelismo e política*. Entrevista concedida a Patricia Fachin. Instituto Humanitas Unisinos – IHU, 28 abr. 2022. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/618078-o-casamento-perfeito-a-ligacao-entre-evangelismo-e-politica-entrevista-com-brenda-carranza>. Acesso em: 22 nov. 2024.

Congregação para a Doutrina da Fé. *Instrução sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1984.

CUYABANO, F. O. de S. SOUZA, A. R. de. *Igreja in concert: padres cantores, mídia e marketing*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2005. 146 p. Revista Nures, São Paulo, v. 24, n. 9, p. 1-6, ago. 2013. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/nures/article/view/24093>. Acesso em: 12 out. 2024.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS – IHU. *Mudanças na Igreja Católica do século XXI e o impacto na sociedade brasileira: entrevista especial com Brenda Carranza*. 31 ago. 2024. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/643058-mudancas-na-igreja-catolica-do-seculo-xxi-e-o-impacto-na-sociedade-brasileira-entrevista-especial-com-brenda-carranza> . Acesso em: 21 nov. 2024.

JOÃO PAULO II, Papa. *Constituição Apostólica Ut Sit*. Vaticano: 1982. Não paginado. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/la/apost_constitutions/documents/hf_jp-ii_apc_19821128_ut-sit.html>. Acesso em: 24 nov. 2024.

_____. *Veritatis Splendor*. Vaticano, 6 ago. 1993. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_06081993_veritatis-splendor.html. Acesso em: 21 nov. 2024.

KLAIBER, Jeffrey. *Expertos denuncian que Benedicto XVI consolidó el giro conservador que Juan Pablo II impuso a América Latina*. 2013. Disponível em: https://www.religiondigital.org/mundo/Expertos-Benedicto-XVI-II-America_0_1441055904.html. Acesso em: 19 nov. 2024.

LÖWY, M. *O que é Cristianismo da Libertação: religião e política na América Latina*. 2. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo : Expressão Popular, 2016.

MARIANO, Ricardo. *Análise sociológica do crescimento pentecostal no Brasil*. Tese de Doutorado, São Paulo, FFLCH-USP, 2001.

MÁRIO CORREIA. *Paul Ricoeur e a hermenêutica: uma introdução*. Revista Poiesis, [S. l.], v. 27, n. 2, 2024. DOI: 10.46551/2448-30952023v27n203. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/poiesis/article/view/7612>. Acesso em: 19 nov. 2024.

MINETTE DE TILLESSE, Padre Caetano. *O sentido da RCC para a Igreja do terceiro milênio*. Fortaleza, jun. 2000a. Manuscrito.

MUNHOZ SOFIATI, F.; GUIMARÃES SANTOS, R.; DA SILVA MOREIRA, A. *O Anel de Tucum: Religião Popular, catolicismo e juventude*. Revista Pistis & Praxis, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 356–371, 2024. DOI: 10.7213/2175-1838.16.002.AO05. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/pistispraxis/article/view/31815>. Acesso em: 22 nov. 2024.

PEREIRA, Edilson. *O espírito da oração ou como carismáticos entram em contato com Deus*. Religião & Sociedade, [S.L.], v. 29, n. 2, p. 58-81, 2009. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0100-85872009000200004>.



PORTAL DAS CEBs. *Ser Igreja pobre*. 2023. Disponível em:
<https://portaldascebs.org.br/ser-igreja-pobre/>. Acesso em: 11 set. 2024.

PRANDI, R. *Um sopro do espírito: a renovação conservadora do catolicismo carismático*. São Paulo: FAPESP, 1997.

REYES ALCALDE, Hernán. *O Vaticano levanta definitivamente o veto a Gustavo Gutiérrez*. Instituto Humanitas Unisinos – IHU, 14 jul. 2019. Disponível em:
<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/590793-o-vaticano-levanta-definitivamente-o-veto-a-gustavo-gutierrez>. Acesso em: 21 nov. 2024.

RICOEUR, P. *Tempo e narrativa*. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 1995.

SOFIATI, F. M. *Elementos sócio-históricos da Renovação Carismática Católica*. Revista Estudos de Religião, v. 23, n. 37, jul./dez. 2009. Disponível em
<https://www.metodista.br/revistas/revistasims/index.php/ER/article/viewFile/1528/1554>. Acesso em: 14 out. 2024.

SOUZA, A. R. de. *Igreja in concert: padres cantores, mídia e marketing*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2005.

WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Ed. Comemorativa; Tradução: Antônio Flávio Pierucci; São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ZANOTTO, G. *Os arautos do evangelho no espectro católico contemporâneo*. Revista Brasileira de História das Religiões, v. 4, n. 10, 2011.